

# • DEPOIMENTO

# LIÇÕES DE UM MESTRE, NA VIDA E NA ARTE\*

---

**Beth Brait\*\***

**Resumo:** O crítico literário, ensaísta, sociólogo e professor universitário, Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017), recebeu inúmeras e merecidas homenagens em 2018, ano de seu centenário. Todas foram marcadas pela atmosfera de grande tristeza, causada por seu desaparecimento em 2017, e pela alegria de um encontro com a grandeza de sua obra, singularizada pelo humanismo e pelo consistente debate sobre a formação literária nacional. Este artigo procura destacar a importância de sua escrita acadêmico-didática para iniciantes que tentam adentrar os *mistérios* da leitura e análise de textos literários. Articulando detalhes linguísticos e fina interpretação, Candido realiza o que a maioria dos professores tem muita dificuldade de fazer: levar o aluno a ler, analisar e interpretar. Com a finalidade de apresentar seu bem-sucedido *método*, este texto se organiza a partir da recuperação do ponto de vista de uma leitora/iniciante.

**Palavras-chave:** Leitor aprendiz. Leitura sistemática. Antonio Candido.

## **PALAVRAS INICIAIS<sup>1</sup>**

■ **T**odos os interessados em estudos literários e estudos da linguagem em geral sabem que o crítico literário, ensaísta, sociólogo e professor universitário, Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017), recebeu inúmeras e merecidas homenagens em 2018, ano de seu centenário. Todas elas foram marcadas pela atmosfera de grande tristeza, causada por seu desapare-

---

\* Agradeço o auxílio do Plano de Incentivo à Pesquisa – Edital PIPE'q – 1º semestre de 2019 – PUC-SP, que possibilitou a elaboração deste artigo.

\*\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* bbrait@uol.com.br

1 As reflexões desenvolvidas neste artigo iniciaram-se no XXXIII Encontro Nacional da Anpoll-2018 (Enanpoll), cuja temática foi "Produção de conhecimento, liberdade intelectual e internacionalização: homenagem ao professor Antonio Candido", do qual participei na condição de membro da mesa de abertura, em 27 de junho de 2018, intitulada "As contribuições de Antonio Candido para os estudos de linguagem no Brasil".

cimento em 2017 e, ao mesmo tempo, pela alegria de encontros com a grandeza de sua obra, singularizada pelo humanismo e pelo consistente debate a respeito da formação literária nacional. Entrar nessa pertinente e variada exposição das contribuições de Antonio Candido para os estudos de linguagem no Brasil, sem reiterar o que já foi dito e muito bem-dito por especialistas em crítica literária, história da literatura, sociologia etc., e mesmo orientandos, amigos e colegas do mestre, com acesso às suas vivências e seus arquivos, não é uma tarefa simples.

Assim, o objetivo deste artigo, que modestamente se coloca no rol das homenagens ao mestre, é destacar a importância, a pertinência e a atualidade da escrita crítica, acadêmico-didática de Antonio Candido, procurando entender como alunos de diferentes níveis (graduação ou pós-graduação) adentram seus escritos e, a partir deles, *assinam* suas leituras e suas análises, ou seja, transportam para a profissão e para a vida os ensinamentos registrados na obra de Candido. Isso significa olhar sua escrita e reiterar a inigualável capacidade desse pensador, cujo traço marcante é a sabedoria de articular detalhes linguísticos, enunciativos, discursivos componentes de um texto literário a uma fina, singular e iluminadora interpretação. Nesse percurso, é preciso destacar que o texto, por ele examinado com lupa, não *fala sozinho*. Ele é levado a dialogar, pelos caminhos assumidos pela análise e pelo ponto de vista do analista, com outros textos, do mesmo autor e/ou de outros, da mesma e/ou de diferentes épocas, o que implica, a um só tempo, fazer emergir as singularidades do texto escolhido e, a partir daí, iluminar o autor, o conjunto de sua obra, o momento histórico, social, cultural e estético que o abriga e é por ele constituído.

A observação desse caminho analítico pretende fazer-se, aqui, pelo ponto de vista de um leitor iniciante que, ao trilhar linha a linha a escrita de Candido, constrói seus conhecimentos, traça seu próprio percurso para a leitura de textos artísticos ou não, verbais e não verbais. Não se trata, entretanto, de uma pesquisa longitudinal em que leitores que beberam nas páginas tecidas pelo mestre tenham sido entrevistados. Na verdade, apresentarei, em primeira pessoa, o que considero traços invariantes da consistente vereda oferecida a neófitos em Letras, Linguística e Estudos da(s) linguagem(ns), escolhendo um dos trabalhos do autor como um dos possíveis *marco zero*. Destacarei a maneira como, na obra escolhida, metonímia de todas as demais, o *candidato a letrado* vivencia, intelectualmente, um ritual de passagem que altera não apenas seu estatuto de aprendiz, mas especialmente sua condição existencial, interferindo em sua vida, dentro e fora da sala de aula. Essa relação, que se estabelece entre o leitor da obra e as veredas traçadas por Candido, ao articular-se ao tema “As contribuições de Antonio Candido para os estudos de linguagem no Brasil”, título da mesa de abertura do XXXIII Enanpoll, e que poderia também ser o título deste artigo, possibilita o entendimento amplo de que as reflexões desse grande mestre, mesmo tendo a literatura como principal objeto, ultrapassam as brilhantes análises literárias e repercutem na maneira de um leitor/espectador encarar outras formas de linguagem em sua relação constitutiva com a vida.

A discussão estar focada exclusivamente em estudos literários, como acontece, por exemplo, na obra aqui escolhida, na relação existente entre literatura e sociedade, literatura e cultura, já seria uma grande abertura para falar do conjunto da produção de Antonio Candido, assim como das especificidades de cada um de seus trabalhos em particular. Cada escrito, sem exceção, impacta a visão

de mundo do leitor, seu conhecimento a respeito do homem em geral e do brasileiro em particular, a percepção da literatura como estética verbal, social e culturalmente localizada que, ao falar do humano, sem fronteiras, constitui-se como um direito inalienável de todos, de acordo com um de seus escritos mais lidos e comentados até hoje: *O direito à literatura* (CANDIDO, 2011). A perspectiva aberta pelo título do referido evento científico de homenagem ao pensador brasileiro, e que inclui *estudos de linguagem no Brasil*, instiga um envolvimento nesse rico universo da linguagem pelo qual transita Candido, possibilitando ao leitor, não exclusivamente dedicado aos estudos literários, encontrar seu lugar na discussão sobre as contribuições do mestre. E é essa abertura que permite ao analista do discurso se incluir e, pela memória, trazer para o presente deste artigo seu ritual de iniciação, passagem que marcará sua vida de forma indelével.

### **FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: MOMENTOS DECISIVOS PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR**

Remontando os primórdios da minha experiência com a linguagem, portanto antes de ser professora, estudiosa da linguagem, pesquisadora, analista de discurso, quando ainda era aluna, estudante de Letras da USP, chego a um tempo/espaço em que a hoje conhecida Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) chamava-se Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sobre a qual o mestre se pronunciou várias vezes e, em uma delas, com as seguintes palavras:

*Considero a Faculdade inicialmente chamada de Filosofia, Ciências e Letras e depois dividida em vários institutos um acontecimento extraordinário. Ela não apenas mudou a vida cultural de São Paulo, mas contribuiu para modificar a de todo o país* (CANDIDO, 1999, p. 32-37).

E a minha também. Naquele momento, caipira vinda de uma cidade do interior paulista<sup>2</sup>, estava completamente deslumbrada com estudos da linguagem, quer em textos literários ou não literários, e de maneira muito especial despertada para a forma como linguagem e vida, em diferentes disciplinas, entrelaçavam-se. E é daquele tempo/espaço, fisgado pela memória, que eu recupero a influência desse humanista, desse grande professor, em todos os sentidos, no meu aprendizado sobre a linguagem e sua relação com o existir, com a sociedade, com a cultura, com a estética, com a política, dimensões que acompanham até hoje a minha atuação como profissional centrada na linguagem em diálogo com essas dimensões todas. Remeto, portanto, a um tempo/espaço que deixou marcas profundas na aluna e, conseqüentemente, na professora, na pesquisadora, na analista de discurso, dentro e fora da sala de aula.

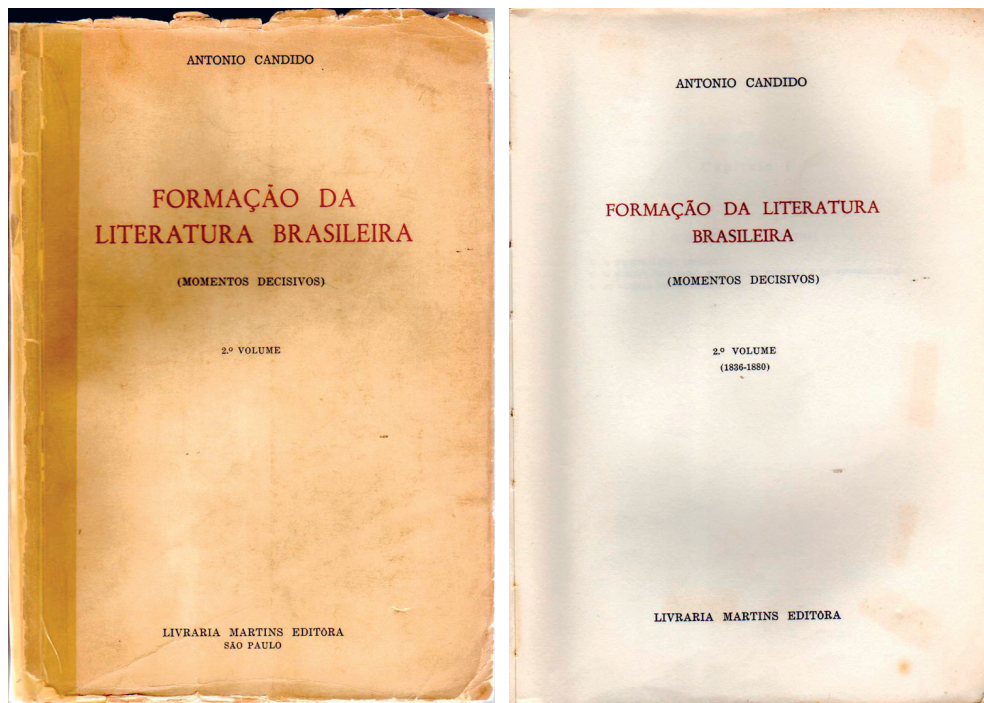
Fui buscar nos balaios de minhas memórias o registro do meu primeiro encontro com o professor Antonio Candido, acontecimento que diz respeito à maneira como eu e grande parte da minha geração aprendemos a olhar o texto em sua tessitura, em sua singular materialidade e, ao mesmo tempo, em sua constitutiva relação com o mundo exterior. Adentrar e participar desse indissolúvel jogo interno/externo representado pelo texto e por sua capacidade de sinalizar mundos capturados, reorganizados imageticamente pela escritura literária, re-

2 Bem mais tarde fui ter conhecimento do livro *Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista* (CANDIDO, 1971), falando de minha região e de coisas tão próximas às minhas vivências interioranas.

velando de forma muito significativa um posicionamento, uma postura diante da vida que corre *lá fora*. Embora já tivesse ouvido falar dele, sobre ele, o primeiro momento em que me defrontei realmente com Antonio Candido foi no final dos anos 1960. Não nos corredores da Faculdade, que ficava na *Maria Antônia*, atual Centro Universitário Maria Antônia da USP, onde eu estudava. Isso veio depois. Mas o encontro se deu, de fato, nas páginas de um livro. Comprei do seu Jaime, um livreiro que eu diria quase tão importante quanto as aulas que tivemos na faculdade, uma edição de segunda mão dos dois volumes da *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, da Livraria Martins Editora, cuja primeira edição é de 1959. E é esse exemplar que chamo de *marco zero*, ao menos para mim, e que vou tomar como *corpus* deste artigo. Foi ele o momento-espaco em que conheci Antonio Candido, sua inigualável capacidade de se fazer ouvir linha a linha, palavra a palavra, como se estivesse diante de mim e de todos os alunos em uma sala de aula.

Mais que leitora voraz, deslumbrada com a universidade, com os professores, com o universo do saber, transformei-me naquele instante, e com essa obra, em uma aluna, no sentido mais profundo, ou seja, uma aprendiz levada pelas palavras do mestre a construir conhecimentos. Foi como se uma das portas do grande edifício chamado Antonio Candido, construído por meio de seus trabalhos escritos e de suas aulas, se abrisse para mim, permitindo que eu adentrasse essa sala de aula intitulada *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, me sentasse em uma privilegiada carteira e ouvisse os ensinamentos do mestre.

**Figuras 1 e 2** – Capa e página de rosto do exemplar da autora



Fonte: Candido (1959).

Diante daquelas páginas, que os olhos percorriam com muito prazer, chegava aos ouvidos uma voz tranquila, pausada, coerente, profundamente erudita, crítica, capaz de discernir e mostrar coisas boas e ruins em um mesmo poeta. Nesse universo, aprendi a caminhar por um conjunto de autores, de obras que, com suas especificidades, com sua materialidade, faziam-me entender a linguagem poética e seu papel na compreensão da vida brasileira, dos movimentos literários, das influências sofridas pelos escritores. Mas minha *visão auditiva* se fazia principalmente sem deixar de lado meu problema maior: Como analisar um texto para poder adentrar um mundo que, sendo interior a esse texto e a quem o escreveu, faz um movimento de mão dupla entre esse interno e o externo? Como percorrer esse caminho? Onde entrever tudo isso?

De certa maneira, acontecia comigo, frente a esse belíssimo texto crítico, o que Roland Barthes (1977, p. 35) define como “levantar a cabeça” durante a leitura de um texto literário, poético:

*Estar com quem se ama e pensar em outra coisa: é assim que tenho os melhores pensamentos, que invento melhor o que é necessário a meu trabalho. O mesmo sucede com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa.*

E esse livro, mais que qualquer outro que eu lia naquele momento, foi respondendo à questão que me fazia *erguer a cabeça*. Eu lia muito. Eu tinha a humildade de reconhecer a minha ignorância, a minha necessidade de aliar a paixão pela linguagem a saberes que eu desconhecia e sem os quais a linguagem, eu tinha consciência, seria apenas uma paixão. Para explicitar e concretizar essa minha imersão na obra, mantendo a pergunta que me fazia levantar a cabeça e ouvir *outras coisas*, vou me deter em uma parte, justamente a que considero a metonímia desse aprendizado, desse rito de passagem, desse misto de disciplina, construção de conhecimento e prazer. Refiro-me ao segundo volume (1836-1880), capítulo II, “Os primeiros românticos”, item 5, “Gonçalves Dias consolida o Romantismo” (CANDIDO, 1959, p. 81-96).

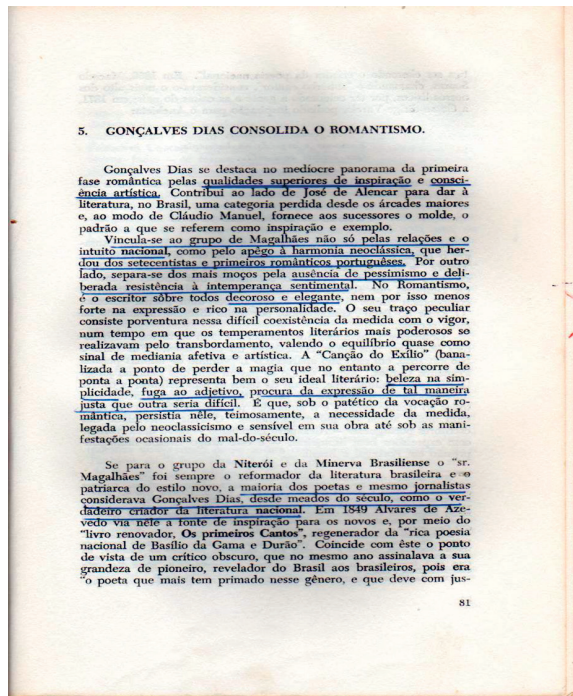
## A CONSTRUÇÃO DE UMA LEITURA

Eu era uma aluna, leitora voraz sem dúvida, com uma relação um tanto estranha, eu diria hoje, em face do objeto físico livro e de cada uma de suas páginas. Para mim, não bastava ler e fazer anotações à parte. Eu precisava sublinhar, com caneta, o que considerava importante no decorrer da leitura.

Essa heresia pode ser observada na primeira página do item 5: “Gonçalves Dias consolida o Romantismo” (CANDIDO, 1959, p. 81). De fato, ela expõe a relação possessiva que eu mantinha com o livro, mergulhada na leitura, mas tentando deter-me e detê-la. Se por um lado eu procurava responder às minhas perguntas sobre “como proceder metodologicamente diante de um texto”, por outro (ou talvez exatamente por isso), um estado fronteiro entre a consciência e a inconsciência me tomava a ponto de eu me apoderar da página e de marcar com caneta, colocando-me na página, me enunciando como sujeito aprendiz. Na página em destaque, sublinhei somente com azul aquilo que eu considerava fundamental. Em outras, há trechos assinalados em vermelho, amarelo, verde e roxo. Nesse sentido, eu imagino que a crítica genética e a psicanálise fariam

observações muito pertinentes sobre esse sujeito leitor que eu era e que, por esses traços, por essas pegadas, se insinua e faz parceria com a escrita. As cores indelevelmente intronmetidas na página impõem essa parceria, instalando-se como *escrita* da leitura. E os analistas de discurso também teriam muito a dizer sobre essa forma de enunciar-se no discurso alheio, de se fazer sujeito intronmetido na escrita de outrem a partir da leitura personalizada, assinalada, assinada.

**Figura 3** – Página 85 do exemplar da autora



Fonte: Candido (1959).

Por essas marcas da colorida enunciação desse sujeito leitor disseminadas pela página, é possível perceber o que chama sua atenção, o que o empolga nesse início do item: saber como o mestre iria demonstrar que Gonçalves Dias “se destacava no mediocre panorama romântico pelas qualidades superiores de inspiração e consciência artística” (CANDIDO, 1959, p. 71); que elementos de sua obra demonstram sua “ausência de pessimismo e deliberada resistência à intemperança sentimental [...] seu ideal literário: beleza na simplicidade, fuga ao adjetivo, procura da expressão de tal maneira justa que outra seria difícil” (CANDIDO, 1959, p. 71). Além disso, o destaca para o fato de que a “[...] maioria dos poetas e mesmo jornalistas considerava Gonçalves Dias o verdadeiro criador da literatura nacional” (CANDIDO, 1959, p. 81). Se essas questões gerais para uma aproximação com o poeta romântico me fizeram, leitor iniciante e sem pudor, sublinhar grosseira e indelicadamente as páginas, me enunciando, me intronmetendo visualmente nessa escrita, na verdade, o motor, o elemento central que me levava a isso era, sem dúvida, a questão que me fazia estar no texto e levantar

a cabeça para essa *outra coisa*: Como perceber isso na materialidade verbal, na carnadura do poema? Como relacionar interior e exterior?

Eu diria que foi exatamente isso que Antonio Candido me ensinou. Foi isso que o mestre, nessa obra, mostrou à aluna, convencendo-a, para sempre, que considerações genéricas ou citações de vários comentadores e teóricos, ou o apoio em uma única fundamentação teórica não são suficientes para dizer o que é singular em um determinado texto, aquele que está sendo observado, lido, decifrado. E, além disso, a significação desse texto no conjunto dos textos de um autor, de um poeta, de um prosador, sua distinção e seu papel em relação aos demais no escopo da literatura à qual pertence. Por meio dessas páginas, o mestre me mostrou como encaminhar o olhar, com lupa disciplinada e metodicamente posicionada, para um determinado texto e, assim, perceber que essa escritura com a qual eu me defronto como leitora, como apaixonada, aponta para fora, vem de fora, faz dialogar o *interno* e o *externo* ao texto. Para isso, o tempo todo ele me fazia perceber, com suas lentes de aumento, a construção do texto que, com a singularidade de sua linguagem criadora, apontava para o contexto intelectual, para a vida de uma sociedade, de uma cultura ou de várias culturas entrelaçadas. Esses elementos todos, entretecidos, desvendavam as especificidades do autor, seu posicionamento diante da vida social, intelectual, cultural, concretizadas pela linguagem esteticamente elaborada, distinguindo-o de outros (bons ou maus) escritores.

Tomoo como exemplo inesquecível, para mim, embora eu tenha tido tantas outras lições nessa obra e em outras do mestre, a leitura que Candido faz, não da “obra-prima da poesia indianista brasileira”, como ele designa o poema *I-Juca Pirama* (p. 85), ou de *Os timbiras* (p. 93-96), mas de *Leito de folhas verdes*<sup>3</sup>. Se o poema me emociona até hoje por sua beleza, delicadeza, pelo lugar feminino aí construído, foi a leitura de Candido que me seduziu intelectualmente, fazendo-me perceber, pela análise minuciosa do texto, a relação entre *interno* e *externo* e, conseqüentemente, levando-me a entender “as qualidades superiores de inspiração e consciência artística” (CANDIDO, 1959, p. 81) de Gonçalves Dias.

Para demonstrar o encaminhamento dado pelo analista para trazer o leitor iniciante para o texto, destaco, inicialmente, suas palavras em relação a esse poema: “O Leito de folhas verdes é a obra-prima do exótico tomado como pretexto para inserir em dado ambiente um tipo de emoção que, em si, independe de ambientes, mas vai se renovando na lírica, pela constelação dos detalhes sensíveis” (CANDIDO, 1959, p. 84). Essa síntese funcionou para mim, mais uma vez, como um elemento provocador. Eu me interessava, linha a linha, palavra a palavra pelas formas de desnudamento do texto, na certeza de que, pela exploração da materialidade, por meio da linguagem tecida pelo poeta, surgiriam os elementos que, costurados, magistralmente articulados, levariam a interpretações. E aí começa a análise de Candido, que em sua generosidade para com o leitor iniciante, desencadeia o rito de passagem e, conseqüentemente, a formação do leitor crítico. É preciso salientar que, nesse sentido, essa obra não trata apenas da *formação da literatura brasileira*, mas de modo muito especial, da formação do leitor literário e, sem qualquer controle, do leitor das linguagens que fiam a vida.

Em *Leito de folhas verdes*, para mostrar o que afirmou no trecho transcrito, conclui o parágrafo da seguinte maneira: “Numa das estrofes, a simples referên-

3 Poema incluído em *Últimos cantos* (1851). Para ler o poema completo, consultar Dias (1968, p. 114) ou outras edições impressas ou on-line.



cia à *arasóia* (tanga de penas) faz a emoção vibrar numa tonalidade desusada, que refresca e torna mais expressiva a declaração de amor” (CANDIDO, 1959, p. 85, grifo do autor). Começa, portanto, pela última estrofe, destacando um elemento do léxico: “Meus olhos outros olhos nunca viram,/Não sentiram meus lábios outros lábios,/Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas,/A arasóia na cinta me apertaram” (CANDIDO, 1959, p. 85).

O início inesperado pela última estrofe, desfazendo a expectativa de uma leitura linear, assim como o destaque para o termo *arasóia*, leva Candido, em seguida, a tecer considerações sobre elementos que ligam essa materialidade textual, e sua relação com *emoção*, *tonalidade*, enfim com a singularidade de uma declaração de amor, a elementos que um leitor mais experimentado, “habituaado à tradição europeia” (CANDIDO, 1959, p. 85), a reconhecer que

[...] no efeito poético da surpresa que consiste o principal significado da poesia indianista – como o da *liga vermelha de Araci*, a *liga rubra da virgindade*, que tarda a ser rompida por *Ubirajara* e dá à paixão de ambos uma rara e colorida beleza (CANDIDO, 1959, p. 85).

Por esse prisma, outro escritor brasileiro é capturado pela análise: José de Alencar e seu romance indianista *Ubirajara* (1874). Ele não entra, entretanto, de maneira genérica, mas pelo paralelo com outro destaque léxico – a *liga vermelha de Araci* – qualificada de maneira bastante sensual: “a liga rubra da virgindade, que tarda a ser rompida por *Ubirajara* e dá a paixão de ambos uma rara e colorida beleza” (CANDIDO, 1959, p. 85).

Por um elemento *interno*, portanto, componente da materialidade textual, o analista faz o leitor enxergar, no texto e na relação entre textos, a maneira como o *exterior* está dentro, como ele afirma no parágrafo seguinte, ao destacar “a função propriamente estética do pitoresco e do exótico”:

[...] Sendo recurso ideológico e estético, elaborado no seio de um grupo europeizado, o indianismo, longe de ficar desmerecido pela imprecisão etnográfica, vale justamente pelo caráter convencional; pela possibilidade de enriquecer processos literários europeus com um *temário* e *imagens exóticas*, incorporados deste modo à nossa sensibilidade (CANDIDO, 1959, p. 85).

Depois de afirmar que “o índio de Gonçalves Dias não é mais *autêntico* que o de Magalhães e Norberto pela circunstância de ser mais índio, mas por ser mais poético” (CANDIDO, 1959, p. 75), Candido aparentemente abandona *Leito de Folhas verdes* e passa a analisar *I-Juca Pirama*, diferenciando seu autor de Magalhães, Garrett e Castilho, e ao apresentar características do poeta, passa ao *Os Timbiras*, pelas possíveis sugestões vindas de Alexandre Herculano, Sousa Caldas, analisa *O mar* e conclui, a respeito do Gonçalves Dias: “A força deste aspecto da poesia gonçalvina vem da capacidade de organizar as sugestões do mundo exterior, num sistema poeticamente coerente de representações plásticas e musicais” (CANDIDO, 1959, p. 90, grifo nosso). Considera que

*Alguns poemas espelham-na com surpreendente densidade – como é o caso do citado Leito de folhas verdes, tentativa de adivinhar a psicologia amorosa da mulher indígena pelo truque intelectualmente fácil, mas liricamente belo, de alterar apenas o ambiente e certos detalhes de uma espera sentimental doutro modo indiscernível na tradição lírica* (CANDIDO, 1959, p. 90).

A partir daí, entendendo que se trata de “Poesia admirável, das mais altas do nosso lirismo [...]” (CANDIDO, 1959, p. 90), descreve e sintetiza as características do poema, a angústia da índia a espera do amado, o fluir do tempo relacionado à expectativa, à espera infrutífera. Ocupa-se da técnica de composição, do duplo movimento que justapõe detalhes da natureza como expressão psicológica, combinados com o discurso amoroso e as imagens naturais, chegando ao recurso linguístico/poético da repetição de palavras que “tece a rede sutil do encantamento poético” (CANDIDO, 1959, p. 91). Dessa forma, destaca novamente o léxico, explorando o sentido da palavra “folhas”, como aparece na primeira, na segunda e na nona estrofes do poema. Ressalta o termo como definição da hora noturna na primeira: “Da noite a viração, movendo as *folhas*”; foco da espera amorosa, na segunda: “Nosso leito gentil cobri zelosa/com mimoso tapiz de *folhas* brandas”; e testemunho da longa espera e sinal tangível da decepção na nona: “Tupã! Lá rompe o sol! do leito inútil/A brisa da manhã sacuda as *folhas*” (CANDIDO, 1959, p. 91).

Demonstra, também, que a análise a respeito da variação de sentido, em diferentes ocorrências, se dá com outros vocábulos, os quais ele denomina “vocábulos-chave do poema”, caso de tamarindo, bogari, flor, exalar, “aferindo a sua variação em cada ocorrência, compreendida como ‘movimento psicológico da personagem’” (CANDIDO, 1959, p. 91). Apoia-se, para essa afirmação, na terceira e oitava estrofes, consideradas por ele estrofes complementares: [3<sup>a</sup>.] “do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,/Já solta o bogari mais doce aroma”; [8<sup>a</sup>.] “do tamarindo a flor jaz entreaberta,/Já solta o bogari mais doce aroma” (CANDIDO, 1959, p. 91-92). Explica e demonstra que a repetição do verso em que aparece bogari não tem sentido poético idêntico, em função do verso que o antecede em cada uma das estrofes, dos quais é complemento e nos quais se encontra a flor do tamarindo. Assim, na terceira, a expressão *aberta há pouco*, indica “as primeiras horas da noite”; na oitava, *jaz entreaberta* “denota o fato consumado”. E, segundo o analista, “dessa diferença, decorre o sentimento de fuga do tempo, que vai dispersando, primeiro o perfume das flores, em seguida o do próprio coração” (CANDIDO, 1959, p. 92).

Candido apresenta a diferença de sentido e de função de uma mesma palavra como um processo importante no poema e ao qual se junta outro processo que é:

*[...] a utilização sistemática dos verbos de movimento para manter o deslizar sutil das horas e o doloroso amadurecimento interior: mover, correr, ir, girar, passar, acudir, que empurram a composição, contrastando o sentimento inicial de permanência, – o angustioso travamento do verso por meio de fortes aliterações, que exprimem a duração psicológica bloqueada pela expectativa:*

*Por que tardas, Jatir, que tanto a custo...*

*Dessa translação em vários planos resulta o sentimento de fuga do tempo, que é o tecido mesmo de que se enroupa a decepção amorosa. Note-se que toda magia decorre do processo poético, da sábia estrutura de vocábulos e imagens extremamente singelos* (CANDIDO, 1959, p. 92, grifo nosso).

Na materialidade textual, o autor aponta com sua inigualável lupa, que permite ao leitor enxergar junto, compartilhar os detalhes do trabalho poético tecido na e com a linguagem, concluindo: “Note-se que toda magia decorre do processo poético, da sábia estrutura de vocábulos e imagens extremamente

singelos”. Essa análise, assim como tantas outras, conduz o olhar do leitor de maneira a iluminar a constituição interna do texto e sua relação com o fora, o criado, o recriado, o imaginado. É esse aprendizado que, tendo o texto poético como meta, ultrapassa as especificidades próprias da literatura, disciplinando o olhar e o ouvido do leitor também para textos não poéticos que, de diferentes maneiras, se constituem na vida e para ela apontam. Parafraseando palavras de Candido a respeito de Gonçalves Dias e mudando o que deve ser mudado, o leitor/espectador/ouvinte passa a observar a capacidade dos textos de organizar as sugestões do mundo exterior. Para proceder a uma análise e não para ter um texto como pretexto. Para mostrar a relação entre a linguagem e a vida. E isso não é fácil de aprender e de fazer, mesmo estando no universo das letras, linguísticas e análises do discurso. Eu me vejo em cada aluno e em cada orientando, quando eles perguntam, tanto os de literatura, como os de linguagem em geral: “Como fazer a análise?”, “Que categorias usar?” e “A teoria *x* ou a *y* dá conta do que eu preciso entender para interpretar um texto ou um conjunto de textos?”.

Muitas vezes, eles fazem essas perguntas antes mesmo de tentar uma leitura do texto, tentar ter uma relação de proximidade com ele, seja de empatia ou antipatia. Isso porque estão acostumados a terceirizar a leitura. Estou chamando de terceirização justamente o apego às teorias e suas “quase receitas”, aos intérpretes e suas indicações vistas como caminhos infalíveis. Nesse sentido, concordo com Italo Calvino (2009, p. 19-20) quando ele diz:

*[...] nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala sobre outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite o contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendem saber mais do que ele.*

Penso que isso não quer dizer que a crítica, que as teorias e os intérpretes não sejam importantes e não devam participar de nosso universo de letrados, quer na vertente dos estudos linguísticos, quer na dos estudos literários. Eles são necessários e essenciais, na medida em que cada leitura que fazemos é uma e a partir de um determinado lugar teórico e vivencial, dando ao texto, ao longo de sua existência, condições de possibilitar muitas e diferenciadas leituras. E esse é o motivo de eu ter recorrido a Italo Calvino, para reiterar as lições de vida e de arte do mestre Candido. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* é um trabalho sobre a formação da literatura brasileira e a formação do leitor, como afirmei antes, porque mais que evocar teorias e a autoridade de *leitores autorizados*, o crítico centra sua perspectiva em uma maneira de abordar os textos, os autores, a relação entre os textos de um mesmo autor, tirando daí conclusões inéditas sobre uma sociedade, uma cultura, as relações entre culturas, a partir da linguagem que constitui os textos e seus autores. Trata-se, portanto, da construção, ao longo da obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* de um método, que em nenhum momento é assim designado, mas que vai conduzindo as leituras, nessa dialética entre o dentro e o fora, o interno e o externo, dando ao leitor condições de ouvir o texto que fala a partir

de uma escuta de sua linguagem esteticamente elaborada. E com ele aprender, por exemplo, que nem tudo de um poeta, em um determinado escritor, é necessariamente bom. A escuta de cada texto possibilita identificar os momentos altos e os baixos no conjunto de uma escritura.

Dessa maneira, eu não tenho pruridos, estando na análise do discurso ou na literatura, de dizer aos meus alunos e orientandos, a partir de minha experiência como aluna, a qual eu trouxe para a vida e para a profissão: batam à porta do edifício do mestre e adentrem suas análises primorosas, que vão dos aparentemente menores detalhes linguísticos, sua função e importância na arquitetura do texto, à consequente interpretação. Aprendam com ele. E essa minha metáfora do edifício Antonio Candido me acompanha, sempre, me faz ler não somente textos verbais, mas também textos visuais ou verbo-visuais.

### O LEITOR ENSAIA A ESCRITA DE UMA LEITURA

Não por acaso, depois de tantas décadas desfrutando o privilégio de conviver com as lições do mestre, na academia e na vida, escolho um texto visual contemporâneo para finalizar este artigo.

**Figura 4** – Foto que circulou nas redes sociais, sem autoria ou data



Trata-se de uma foto que circulou nas redes sociais em junho de 2018, sem créditos de autoria e data de realização. Na verdade, não se trata, aparentemente, de uma foto exclusiva. Com pequenas variações de ângulo, foco, distância e

luz, várias fotos circularam, especialmente no WhatsApp, focalizando um mesmo sujeito fotográfico, composto, basicamente, por parte da entrada de um edifício, onde uma placa permite sua identificação: “LETRAS. FFLCH/USP. Edifício Prof. Antonio Candido de Mello e Souza”, com um amontoado de carteiras bloqueando sua entrada.

A razão de eu ter escolhido uma foto para finalizar este artigo tem a ver, em primeiro lugar, com a importância fundamental de Antonio Candido, dentre muitas outras coisas, para a construção de um leitor crítico de textos, quer esses textos se constituam exclusivamente enquanto plano verbal, como os do poeta Gonçalves Dias, mostrado como metonímia das lições do mestre, quer visual ou verbo-visual. O leitor, inicialmente *ingênuo*, mas ávido de conhecimentos voltados para o texto e os discursos que o constroem, ao longo de sua vida vai revisitando os ensinamentos do mestre para saborear a escrita clara, generosa, didática e profunda, em que não somente aprendeu (e continua aprendendo) como abraçar um texto, ganhando coragem e instrumental para enfrentar sua materialidade e extrair daí um caminho para assinar sua própria leitura, como nunca mais terá alibi para ignorar as relações dialéticas entre as dimensões internas e externas que produzem os sentidos e os efeitos de sentido de um texto. Ou, parafraseando o mestre, reconhecendo que a força de um texto vem da capacidade do autor organizar as sugestões do mundo exterior, num sistema coerente de representações (CANDIDO, 1959, p. 90), seja ele verbal ou não.

Assim, ao se defrontar com essa foto, o espectador/leitor crítico, formado nas páginas de *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, para mencionar novamente apenas esta, vai deter-se no visível, na materialidade visual que a constitui, indagando-se, de forma consciente (ou não), sobre os componentes dessa materialidade que, necessariamente, traz para dentro de sua textualidade o exterior que a motivou, que está aí refletido e refratado, capturado por um ponto de vista (o do fotógrafo) que, ao captar um tempo-espaço, assume um lugar axiológico, caracterizado por um conjunto de valores. E, com seu *texto visual*, interpela esse leitor/espectador para que ele estabeleça as relações entre essa superfície interna, o visível, e a situação imediata, o contexto mais amplo, para o qual ela aponta.

Muitas perguntas, motivadas pelo percurso metodológico que o mestre sugeriu, vão assomando, articulando o sujeito que vê, como nós agora, e o impacto causado pela foto. Qual o sentido dessa foto? Que discursos atravessam essa foto e a constroem? Que sujeitos aí se enunciam e se deixam ser e ver? O que está por trás do visível? De que maneira essa foto traz, para dentro de si, um espaço e um tempo acadêmicos e, conseqüentemente, um momento da vida atual brasileira, apontando para a vida que corre lá fora?

Para os que adentraram comigo o Edifício Antonio Candido, aquele que expressei como metáfora de sua obra e que, na minha experiência leitora, me acolheu por uma das muitas portas sempre abertas, olhar essa foto, anônima e tão profundamente sensível e expressiva, ocasionará uma inevitável sensação de tristeza, acompanhada do espanto de ver um bloqueio, real e metafórico, à entrada do edifício Antonio Candido de Mello e Souza. E esse sobressalto advém do fato de que, sendo uma foto figurativa – observa-se que não se trata de montagem ou ficcionalização –, ela expõe como instrumento do bloqueio ao edifício Antonio Candido de Mello e Souza, à Faculdade de Letras da FFLCH-USP, carteiras escolares tiradas de seu *habitat*, a sala de aula, formando uma montanha

ameaçadora, assumindo a função guerreira de barricada. Parafraseando qualquer dicionário da língua portuguesa, impressos ou *on-line*, reconhecemos, pela expressão *carteira escolar*, um móvel desenhado com a finalidade de proporcionar aos alunos acomodação adequada para assistir às aulas. Essa foto literal é, pela organização de seus elementos, metáfora (e talvez isso que doa mais) da desconstrução da função das carteiras, alçando-as à condição inversa: em lugar de acomodação prevista para que os alunos assistam às aulas, colocam-se como obstáculo para o acesso ao prédio, às classes e, conseqüentemente, ao conhecimento. Mas para essa leitora, e provavelmente tantas(os) outras(os), mesmo localizando e reconhecendo o exterior contextual para o qual aponta a foto – greve do curso de Letras da USP em junho de 2018 –, o jogo de sentidos inclui, de forma tensa e polêmica, um distanciamento, por parte dos construtores da barricada, do significado da obra do mestre, simbolicamente concretizado na atribuição de seu nome a um edifício da Faculdade de Letras da FFLCH-USP.

Deixo aos leitores deste artigo, a possibilidade de discutir a pertinência do confronto entre a abertura das lições de um mestre, na vida e na arte, e os sentidos possíveis dessa foto, complementando meu esboço de leitura com versos do grande poeta João Cabral de Melo Neto (1999, p. 345-346) que, em seu poema “Fábula de um arquiteto”, dialoga com o conjunto arquitetônico dos trabalhos de Antonio Candido:

*A arquitetura como construir portas,  
de abrir; ou como construir o aberto;  
construir, não como ilhar e prender,  
nem construir como fechar secretos;  
construir portas abertas, em portas;  
casas exclusivamente portas e tecto.  
O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas por-onde, jamais portas-contra;  
por onde, livres: ar luz razão certa.*

#### LESSONS FROM A MASTER, IN LIFE AND IN ART

**Abstract:** Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017), a literary critic, essayist, sociologist and university professor, was paid many tributes in 2018, the year of his centenary. They were all marked by an atmosphere of great sadness, caused by his demise in 2017, and by the joy of an encounter with the greatness of his oeuvre, singled out by humanism and a consistent discussion about the national literary formation. This article seeks to highlight the importance of his academic-didactic writing for beginners who try to enter the mysterious world of reading and analyzing literary texts. By combining linguistic details and fine interpretation, Candido accomplishes what most professors struggle to do, that is, to foster students’ reading, analysis and interpretation. Aiming to present his successful method, this text is written from the point of view of a beginner/reader.

**Keywords:** Beginner/reader. Systematic reading. Antonio Candido.

**REFERÊNCIAS**

- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin: São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [1. ed. brasileira 1991].
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959. 2 v.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.
- CANDIDO, A. *Revista da ADUSP*, n. 17, p. 32-37, jun. 1999.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. rev. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011 [1988]. p. 171-193.
- DIAS, G. Leito de folhas verdes. In: DIAS, G. *Poemas de Gonçalves Dias*. Seleção, introdução e notas por Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1968.
- MELO NETO, J. C. de. Fábula de um arquiteto. In: MELO NETO, J. C. de. *João Cabral de Melo Neto: obra completa*. Edição organizada por Marli de Oliveira, com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

Recebido em 18 de outubro de 2018.

Aprovado em 13 de dezembro de 2018.